

**Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)**

**Erica Maria Silveira Uchoa**

**USO DAS MÍDIAS DIGITAIS NO ENSINO MÉDIO E ENSINO  
SUPERIOR**

Redenção-CE

2016

ERICA MARIA SILVEIRA UCHOA

**Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira  
Diretoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Unilab (DSIBIUNI)  
Biblioteca Setorial Campus Liberdade - BSCL  
Catalogação na fonte**

**Bibliotecário: Gleydson Rodrigues Santos – CRB-3 / 1219**

---

U19u Uchoa, Erica Maria Silveira.

Uso das mídias digitais para a aprendizagem no ensino médio e universidade. / Erica Maria Silveira Uchoa. – Redenção, 2016.

34 f.: il.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

Orientador: Prof. Dr. José Sérgio Amâncio de Moura.

Inclui figuras e referências.

1. Mídia digital. 2. Ensino superior. 3. Ensino médio I. Título.

CDD 303.4833

---

# **USO DAS MÍDIAS DIGITAIS PARA A APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO E UNIVERSIDADE**

Tecnologia

Relatório final, apresentado a  
Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-  
Brasileira (UNILAB), como parte das  
exigências para a obtenção do título  
de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. José Sérgio  
Amâncio de Moura

Redenção  
2016  
**SUMÁRIO**

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	5
<b>RESUMO</b> .....	6
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>Capítulo 1 Marco teórico: mídias digitais e aprendizagem</b>	
1.1 Tecnologias e inclusão digital.....	11
1.2 Internet e educação.....	13
1.3 O cotidiano escolar após 20 anos de Internet no Brasil.....	17
<b>Capítulo 2 Pesquisa de campo: os usos das mídias digitais no ensino médio e superior</b>	
2.1 Objetivos e metodologia.....	20
2.2 Apresentação dos dados e discussão .....	21
2.3 À guisa de uma conclusão .....	32
<b>Referências</b> .....	34

## SUMÁRIO DAS TABELAS

<b>Tabela1.....</b>	<b>21</b>
<b>Tabela2.....</b>	<b>21</b>
<b>Tabela3.....</b>	<b>22</b>
<b>Tabela4.....</b>	<b>22</b>
<b>Tabela5.....</b>	<b>23</b>
<b>Tabela6.....</b>	<b>23</b>
<b>Tabela7.....</b>	<b>23</b>
<b>Tabela8.....</b>	<b>24</b>
<b>Tabela9.....</b>	<b>24</b>
<b>Tabela10.....</b>	<b>25</b>
<b>Tabela11.....</b>	<b>26</b>
<b>Tabela12.....</b>	<b>26</b>
<b>Tabela13.....</b>	<b>28</b>
<b>Tabela14.....</b>	<b>28</b>
<b>Tabela15.....</b>	<b>29</b>
<b>Tabela16.....</b>	<b>29</b>
<b>Tabela17.....</b>	<b>29</b>
<b>Tabela18.....</b>	<b>30</b>
<b>Tabela19.....</b>	<b>30</b>
<b>Tabela20.....</b>	<b>31</b>

## **Agradecimentos**

Primeiramente, agradeço a Deus que permitiu mais essa realização em minha vida, não somente em minha vida acadêmica, mas em todos os momentos, me dando força para superar as dificuldades e alcançar meus objetivos.

Agradeço a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), por ter me dado esta oportunidade e me proporcionado esta grande realização. Aos coordenadores do curso e sua recepcionista (IHL), por estar sempre à disposição. Meu muito obrigado.

Agradeço a todos os docentes que me proporcionaram diversos conhecimentos e fizeram parte do meu processo de formação profissional e pessoal.

E em especial, agradeço imensamente ao meu orientador, Sérgio Amâncio de Moura, pela disponibilidade, empenho, carinho, dedicação e confiança na qual teve em me orientar neste trabalho. Cumpriu ao máximo seu papel de orientador me apoiou no tema escolhido, e principalmente por me chamar atenção, me corrigir em prol do melhor para a conclusão deste trabalho. Sem dúvida foi meu braço direito para que eu pudesse concluí-lo.

Agradeço a minha família, amigos e ao meu namorado que são meu porto seguro e que a todo o momento me deram forças e me incentivaram, desde a inserção na universidade até hoje. Essa contribuição foi, e, é muito valiosa para que tudo isso se concretizasse.

Gratidão!

Essa palavra resume tudo.

## Resumo

Hoje em dia as escolas e universidades vivem um momento de suma importância na era da sociedade tecnológica, onde a tecnologia, mídias digitais, e a comunicação têm chegado inevitavelmente às salas de aula.

A Informática vem adquirindo cada vez mais relevância no cenário educacional. Sua utilização como instrumento de aprendizagem e sua ação no meio social vem aumentando de forma rápida em nosso meio. Nesse sentido, a educação vem passando por mudanças tanto estruturais como funcionais, frente a essa nova tecnologia.

Houve época em que era necessário justificar a introdução da Informática na escola. Hoje já existe toda uma ideia quanto à sua importância, não só no sentido de educação como também no desenvolvimento da aprendizagem onde gera uma educação para transformação. Entretanto o que vem sendo questionado é a forma com que essa introdução vem ocorrendo. O uso da Internet nas escolas está de certa forma limitada, muitas vezes restrita, no quesito ensinamento, pois muitas vezes a escola tem recursos disponíveis o que falta, são pessoas capacitadas para dar continuidade ao ensino, causando assim, um analfabetismo digital, onde não há o acesso e a troca de informações nesse meio.

Não garantindo que essa troca seja uma forma de aprendizado instantâneo, mas através da prática vivenciada possa ter um desempenho satisfatório.

**Palavras chave:** mídias digitais; Internet; aprendizagem.

### **Abstratic**

Nowadays schools and universities are living a moment of prime importance in the era of technological society, where technology, digital media, and communication have inevitably arrived in classrooms.

Informatics has become increasingly important in the educational scenario. Its use as an instrument of learning and its action in the social environment is

increasing rapidly in our environment. In this sense, education has undergone both structural and functional changes in the face of this new technology. There was a time when it was necessary to justify the introduction of informatics in school. Today there is already an idea about its importance, not only in the sense of education but also in the development of learning where it generates an education for transformation. However, what has been questioned is the way in which this introduction has been taking place. The use of the Internet in schools is somewhat limited, often restricted, in the subject of teaching, because often the school has available resources what is lacking, are people able to continue teaching, causing digital illiteracy, where it does not There is access and exchange of information in this environment.

Not guaranteeing that this exchange is a form of instant learning, but through the lived experience can perform satisfactorily.

Key words: Digital media; Internet; learning.



## INTRODUÇÃO

O ambiente tecnológico trouxe um grande desafio para professores e alunos: como lidar com a grande e crescente quantidade disponível de informação? As instituições escolares e os professores estão repensando suas práticas de ensino e readequando os planos pedagógicos ao formato digital? Como os alunos da escola e da universidade lidam com as tecnologias, seja para uso pessoal ou para fins educativos? Essas perguntas nortearam nosso trabalho, que pretende avaliar o uso das mídias digitais por alunos do ensino médio e do ensino superior. Pretendemos assim mensurar quantitativamente e qualitativamente o uso das referidas mídias para as pesquisas solicitadas pelos educadores em sala de aula, para a aprendizagem ou para a vida. O trabalho foi desenvolvido com pesquisa bibliográfica e exploratória.

O segundo procedimento adotado foi uma pesquisa de campo e coleta de dados com alunos de ensino médio e universitários. Os alunos do ensino médio, dez participantes ao todo, são provenientes da Escola Brunilo Jacó, instituição de ensino público na cidade de Redenção, Ceará. Os alunos de nível superior são provenientes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), instituição federal de ensino superior, também situada em Redenção. Os participantes foram dos cursos do Bacharelado em Humanidades (BHU), Administração Pública e Letras. O questionário (vide anexo) incluiu perguntas sobre o uso das mídias digitais para aprendizagem, pesquisa ou outros usos.

Na tentativa de manter esse meio tecnológico nas escolas, podem ser levantados vários questionamentos, dentre eles como o corpo docente está reagindo a essas novas informações, na qual há uma quebra de paradigma entre professor e computador.

A educação escolar é de fundamental importância no desenvolvimento e aprendizagem dos alunos e também dos professores, onde estes podem multiplicar seus conhecimentos e a partir de então saber lidar com as constantes informações disponíveis.

Porém em pleno século XXI, ainda se vê uma batalha quando se trata da informatização nas escolas, quando os professores ainda se intimidam com a tecnologia e se prendem aos recursos já conhecidos como quadro negro, giz, dentre outros, que embora também não deixem de ser tecnologias, significam outra coisa senão que os educadores ainda estão sem saber como ir além. Ou seja, numa época em que as tecnologias da educação ultrapassaram recursos como quadro e giz, o que falta para que outras mídias sejam incorporadas ao cotidiano da aprendizagem escolar?

## **1. Marco teórico: mídias digitais e aprendizagem**

Nesse capítulo, abordaremos a relação das mídias digitais com a aprendizagem, em particular, a Internet. É certo que a Internet foi fruto da convergência do uso de computadores em rede, a chamada World Wide Web (www), ou simplesmente Web (teia). Essa convergência revolucionou a distribuição da informação na contemporaneidade, democratizando-a, tornando a comunicação mais viável e facilitando ou potencializando o nível de interação entre os usuários da rede.

Hoje, a Internet é só uma das convergências do uso em rede das tecnologias, já que muitas das mídias digitais proporcionam também essa comunicação em rede, em longa escala. É o caso dos smartphones, celulares, tablets e demais dispositivos andróides que com seus aplicativos, serviços de voz e telefonia, uso de mensagens instantâneas, dentre outros, abrem uma porta para uma alta interatividade, ou o uso em tempo real das tecnologias.

A educação, o conhecimento, a aprendizagem muito ganhou com a ascensão das tecnologias da informação e comunicação (TIC's), propiciando desde o surgimento de cursos a distância de todos os níveis (cursos em EaD) à aprendizagem autônoma, quando vários recursos das mídias digitais, dentre eles a Internet, são meios de acesso a conteúdo informativos e educativos que facilitam e impulsionam a vida do aprendente. Neste capítulo, abordaremos este assunto com o objetivo de aprender um pouco sobre essa dinâmica e processo, através de alguns autores que estudaram a questão em foco.

## 1.1 Tecnologias e inclusão digital

A tecnologia é uma das dimensões da educação, pois defende Ribeiro (2007) que:

A tecnologia não pode estar separada da educação: ela é parte de suma importância do processo educativo e não deve ser tratada separadamente. Além disso, a tecnologia deverá estar presente não como anexo/complemento, mas como realidade que não pode ser esquecida ou ignorada, da forma mais humana possível. Logo, para um projeto de educação tecnológica é necessário ter cuidado e respaldo teórico (RIBEIRO, 2007, p.91).

A afirmação faz ainda mais sentido quando percebemos que as tecnologias já fazem parte do cotidiano do aluno, que possuem celulares, smartphones, dispositivos andróides, dentre outros. O fato mostra que a inclusão digital já ocorreu, independente do que a própria escola e as políticas públicas tenham feito a respeito. Essa capilaridade tecnológica atende a uma demanda de mercado, e nada originária de uma boa vontade governamental. Por isso, não vale o discurso de que os alunos estão excluídos da tecnocracia.<sup>1</sup> Ao contrário, o que se vê muitas vezes é a escola não sabendo usar a tecnocracia a seu favor.

Acreditamos que todo indivíduo deve ser formado para “aprender a aprender” e ser capaz de lidar com as diversas transformações da sociedade. Educar é muito mais que treinar essas pessoas para estar à frente deste meio. Trata-se de investir e utilizar novos conhecimentos, sendo preciso mencionar que proporcionar tecnologia não quer dizer apenas possuir os recursos tecnológicos, mas sim usá-los com eficiência.

A melhor maneira de iniciar e reforçar o uso das tecnologias em contextos de aprendizagem é através da escola e universidade, em que através de projetos de inovação possa ser explorada por autores como processo essencial, pois na sociedade presente, o direito de acesso à informação tornou-se uma questão de cidadania. Kerr Pinheiro e Ângelo (2007) estimam que a falta de explicação clara por parte do governo do conceito de inclusão digital é um empecilho para que o

---

<sup>1</sup> Termo usado para se referir ao domínio do tecnológico na cena contemporânea e que tem a Internet como ícone e símbolo desse domínio, já que a grande rede constitui uma das espinhas dorsais da sociedade global.

Brasil possa participar eficientemente da Sociedade da Informação (p.23), pois o fato de a escola ter acesso ao computador, com laboratórios de informática mal utilizados não quer dizer necessariamente inclusão digital.

Este problema persiste por um despreparo na utilização de suas ferramentas e não apenas na falta de um computador, levando assim ao analfabetismo informacional da própria escola, quando já é notório que os próprios alunos estão à frente neste processo, só faltando à escola orientá-los neste processo de aquisição do conhecimento e aprendizagem através de tecnologias. Logo:

É indispensável considerar os processos educativos ligados aos processos de inclusão digital, ou seja, articular nas escolas a montagem de sistemas, conectados na lógica das redes, no qual o acesso ao mundo de informação dos professores e alunos se dê de forma satisfatória, de modo que todos pertençam à comunidades de aprendizagem (ROZADOS, 2006).

O conjunto de conhecimentos que consente às pessoas entrarem nas práticas letradas por computadores e outros dispositivos eletrônicos no mundo contemporâneo é explícito por Buzato (2003) como *letramento eletrônico* ou *letramento digital*.

(...) Inclui a habilidade de construir sentido a partir de textos que mesclam palavras e elementos pictóricos e sonoros numa mesma superfície (textos multimodais); a capacidade de localizar, filtrar e avaliar criticamente a informação disponibilizada com outras pessoas através do computador (Comunicação Medida por Computador ou CMC), entre outras coisas (BUZATO, 2003).

Isto é, há a necessidade do uso do senso crítico-reflexivo por parte do aprendiz que se conecta a um dispositivo digital, pois é importante lembrar que para desenvolver o letramento é necessário haver essa sintonia de imediato em salas de aula para que assim possa ocorrer uma educação profícua, já que com toda essa dimensão de informações presentes em nosso cotidiano é preciso se ajustar, se não, a potencialidade das tecnologias se perde diante da falta de orientação e planejamento de como usá-las.

A intolerância de muitos professores em utilizar as novas tecnologias na pesquisa pessoal e na sala de aula está muito associada com a insegurança, na avaliação de Assmann (2000). Ele afirma que há uma falsa apreensão entre professores de estarem sendo vencidos no plano cognitivo pela capacidade

instrumental da informática. O que quer dizer que é preciso combater esse medo nos professores.

Buzato (2003) afirma que os professores estão em posições de vantagem para se integralizar com as novas práticas da informação eletrônica, pois o fundamento do letramento digital pode funcionar como ferramenta para que possam progredir a passos mais largos do que seus alunos. Além disso, a percepção de que o computador vai trocar o professor é avaliada por Buzato (2003) como uma falácia, ilusão. Ele ironiza a questão e afirma que *“se um professor pudesse ser substituído por um computador, ele mereceria que isso acontecesse”*. (p.36). De fato, é ilógico acreditar que um dia os docentes perderão seu lugar, uma vez que a prática dos educadores não pode ser feita integralmente por uma máquina.

Pereira (2007) diz que o pessoal docente, carece de melhorar a aptidão em tecnologia. (p.57). Por isso é necessário à motivação e participação do governo nessa questão, com ofertas de cursos de formação continuada, dentre outros. Sendo que estes enfrentam uma barreira real ao tentar agregar esses dois itens: informática e conteúdo disciplinar, uma vez que por conta da familiaridade de certos alunos com o tecnológico ser mais avançada, os professores se sentem envergonhados porque os alunos possuem mais conhecimento e facilidade em manusear um computador.

É importante que haja um projeto bem traçado para uso dos equipamentos tecnológicos na escola e universidade, para que assim possa ter uma articulação maior, tanto dos alunos como dos professores, para que os mesmos possam seguir a tecnologia no seu ritmo veloz. Porém é fundamental que os professores vejam o uso do computador como uma forma de complemento, não como um adversário.

## **1.2. Internet e educação**

Na perspectiva de Moram (2010), a Internet é a mídia mais promissora, desde a implantação da televisão, pois a mesma instalou-se na sociedade como uma ferramenta que auxilia e disponibiliza conteúdos diversos para qualquer pessoa, sem distinção, numa expressão clara de democratização.

Moram, tem uma didática em sala de aula com seus alunos junto à Internet. O educador criou uma página na Internet para disponibilizar conteúdos e comunicar-se com os alunos, estimulando-os a fazer pesquisas tanto na Internet como nas bibliotecas para que assim o aluno vá se familiarizando e pegando gosto pela ideia proposta. Com todo aparato disponibilizado ao aluno, ele se interessa cada vez mais e, em consequência disso, surgem projetos. Moram dá total apoio aos alunos, incentivando-os, tirando dúvidas, para que os mesmos obtenham bons resultados em seus trabalhos e possam divulgá-los.

Segundo ele, o professor não é o 'informador', o que centraliza a informação. A informação está em inúmeros bancos de dados, em revistas, livros, textos, endereço de todo o mundo". Isso quer dizer que o professor está na sala de aula para orientar e sensibilizar o aluno quanto à importância de determinados assuntos, principalmente quando utilizando a Internet, que com sua fonte inesgotável de informações possibilita o aluno a conhecer sobre diversas coisas, ao passo que estimula e dá mais competência.

Para Dimenstein, (Apud Gatti. 2010), no Brasil, "chegamos à era da Internet gratuita antes de uma razoável educação gratuita". Essa é uma realidade a ser considerada na inclusão digital. Ou seja, temos um bom recurso digital com amplo potencial para a educação, sem, entretanto, haver uma educação que dê conta dessa dimensão, pois há uma falta de planejamento em se fazer do conteúdo da Internet parte do currículo escolar.

A Internet, considerada a ferramenta de maior poder de revolução, tanto no mundo dos computadores quanto no das telecomunicações, possui inúmeros benefícios, todos bem explorados e de grande visibilidade. O poder da Internet está baseado na sua habilidade de superar as barreiras que antes limitavam o acesso de uma enorme quantidade de informações para seus usuários, ou seja, aqueles que não tinham acesso direto a essa ferramenta.

A Internet é baseada em uma conjunção de linguagens e símbolos, na qual as pessoas estão expostas a um leque de informações, porém não as compreendem por conta de não conseguirem decodificar a mensagem a seu favor, sendo vantajosa então para aqueles que tenham mais condições, estudaram e foram mais a fundo no assunto. Neste caso, é como se a sociedade estivesse dividida, de um lado os letrados digitais e do outro os iletrados, não por falta de tecnologias, mas por falta de uma escola que dê conta do processo. O

fato constitui um viés discriminatório, pois atualmente *“O mundo não se divide entre ricos e pobres, mas entre informados e aqueles que ficaram fora da era das conexões”* (VILCHES, 2003, p. 32).

Ou seja, é preciso que o ato de se conectar seja algo inclusivo, mas não incluir por incluir. Incluir deve ser o resultado de uma prática reflexiva e transformadora, resultado de planejamento e ação por parte dos agentes da educação. Logo, um analfabetismo digital não seria exatamente a falta de tecnologias, mas o não saber lidar com elas. Gatti ressalta em seu livro que:

Analfabetismo digital é uma nova vertente do analfabetismo, entretanto não tem diferença substancial do analfabetismo funcional: determinados contingentes populacionais, apesar de conseguirem pronunciar uma série de palavras em função da atividade e da leitura, não conseguem compreender o que leem, ou seja, não têm condições de decodificar mensagens e produzir sentido (GATTI, 2005).

Nos dias de hoje a inclusão digital é de grande importância para a sociedade, auxiliando em seu desenvolvimento cultural e pessoal, independente das origens ou classes, porém essa acessibilidade de cunho formativo só chega, de fato, a uma pequena minoria, em que os demais estão sujeitos a um apartheid tecnológico, ou seja, pois aquelas pessoas que manuseiam o computador, mas não sabem utilizar as ferramentas de forma correta, estão sem direito a um emprego de qualidade, ou uma formação de qualidade, dentre outras possibilidades. É necessário ter acesso não somente às novas tecnologias, mas saber usufruí-las, permitindo uma melhoria nas condições de vida e de cidadania.

Decorrente disso, a exclusão tecnológico-formativa também é uma forma de exclusão social. Dimenstein explica isso, também fazendo analogia ao apartheid:

Somos a rigor, uma nação de pessoas que não têm intimidade com o mundo escrito. Nem precisamos ir para as camadas mais pobres: os hábitos de leitura dos universitários são desprezíveis. [...] Quem já está a margem vai ficar mais fora ainda, vítima do apartheid tecnológico; a rede aparece, aqui em formato de muro. [...] Cada vez mais quem tem acesso à Internet vai sair na frente na busca pelo emprego, graças às facilidades para encontrar uma vaga (Apud GATTI, 2000, p. 8).



É claro, ressaltamos novamente que não só é uma exclusão de acesso, pois a Internet circunda e intermedia a vida de toda uma sociedade altamente high-tech pela explosão de dispositivos disponíveis no mercado para todos os gostos e preços, mas uma exclusão de uso das potencialidades da Internet, principalmente na educação.

Esta inserção da internet no cotidiano das pessoas não foi a única responsável pela possibilidade de que todos pudessem se conectar em rede, pois isso já existia antes de outras formas, em décadas anteriores. A internet veio com o intuito de “enxugar” e de “juntar” todas essas ferramentas utilizadas e centrar tudo em um só ponto, um só nó, para onde convergem todos megabytes de informações de um mundo inteiro.

Com a evolução da informática podemos ver a quantidade e a qualidade de coisas que vieram para nos beneficiar, porém, para Gatti (2010), é o mau uso que torna esta ferramenta algo “ruim” e com isso vem às consequências, como as causadas pelas falhas na inclusão digital.

Tudo isso nos mostra que são necessárias um redirecionamento de como a escola e os educadores se orientam no uso potencial da Internet para a educação para que esse quadro possa ser modificado, a fim de que todos possam ser incluídos e possam usufruir dos benefícios da inclusão digital, “de fato”. Não nos esqueçamos de que a educação à distância (EaD) deu um salto com a Internet, porém, o que aqui afirmamos vai para além do que a EaD possa fazer. Trata-se da própria educação presencial e de como ela pode ser redimensionada se se saber usar os dispositivos tecnológicos ao alcance mesmo dos alunos mais pobres a favor do ensino/aprendizagem.

Assim, acreditamos que a chamada “exclusão digital” não se dá hoje em dia por uma falta de acesso às tecnologias, mas pela ausência de um modelo orientado de se utilizá-las para a aprendizagem. Por isso, escola e educadores devem ser agentes especiais no uso de recursos midiáticos como a Internet para o avanço do conhecimento e benefícios à aprendizagem em sala de aula.

Ensinar com a Internet pode ser uma revolução se houver mudanças simultâneas nos paradigmas de ensino. Caso isso não ocorra, a Internet servirá apenas como pano de fundo ou uma jogada de *marketing*, para transparecer que o ensino é moderno e cobrar mais caro para aqueles que usufruem. “A profissão fundamental do presente e do futuro é educar para saber compreender, sentir,

comunicar-se e agir melhor, integrando a comunicação pessoal, a comunitária e a tecnologia” (Moram, 2010, p. 20).

### **1.3 O cotidiano escolar após 20 anos de Internet no Brasil**

Kenski (2015, p. 12) fala sobre a cultura digital, enquanto uma cultura nova, na qual essa nova cultura modela a forma de pensar, agir, comunicar-se com os outros, trabalhar e aprender, expandindo-se por todo o planeta. Em consequência dessa evolução, a escola deixa de ser um lugar específico para a certificação de aprendizagem dos saberes social. Ou seja, já não é mais preciso estar na escola física, *“O ir à escola para se educar e aprender transforma-se em metáfora para a aprendizagem por diversas formas e meios, inclusive os digitais”*. É nesse contexto contemporâneo da tecnocracia que a autora problematiza as questões referentes à aprendizagem e seu redimensionamento através das novas mídias, fazendo um apanhado histórico, primeiramente, da Internet no Brasil e sua influência na educação até os tempos atuais.

Kenski lembra que faz vinte anos que o acesso à Internet foi liberado, no Brasil. Antes dessa liberação a Internet era restrita, apenas uma pequena minoria tinha acesso à rede. Alunos e professores sentiam-se deslumbrados, pois ao mesmo tempo em que podia interagir virtualmente, trocar experiências, também podiam explorar outros sites. Porém este acesso era bem lento, ao ponto de apenas no máximo quinze (15) alunos poderem ficar online.

Citando Franco (1997), a autora postula que *“a Internet não é uma coisa estável, não é uma tecnologia pronta”*. Ou seja, é algo que está em constante mudança. Contudo, está sempre se modificando e mostrando novidades e informações atualizadas, para que assim possa se manter uma ferramenta atrativa e produtiva.

Para Kenski, a principal forma de acesso à Internet no Brasil depois de 20 anos passa a ser por meio das tecnologias móveis, em que celulares e smartphones se tornaram a principal ferramenta de navegação e milhões de pessoas se conectam através desses dispositivos.

Lembrando a importância da lei do Marco Civil da Internet, a autora diz que a lei reflete a incorporação da Internet na realidade dos brasileiros, com dados que estimam o crescimento da Internet e sua evolução. E isso se deu para

que fossem estabelecidos princípios, garantias e deveres para seu uso, por internautas e provedores.

A autora mostra o quadro sobre o aproveitamento da Internet para ensinar e aprender. Primeiro, mostra que o Brasil saiu na frente em relação a outros países, e possui um índice mais elevado de acesso e condições de uso da Internet. E que mesmo que o Brasil já tenha alcançado destaque nesse cenário, por outro lado ainda deixa muito a desejar, se comparado a outros países; sobretudo, quando ainda necessitamos de estratégias para que alunos e professores possam fazer melhor uso dessa ferramenta, para que melhor se desenvolvam no quesito ensinar e aprender.

Para Castels (2015, p. 20), a Internet se consolida fundamental na educação no Brasil, sendo a mesma de suma importância para a formação de qualidade em todos os níveis de ensino. *“Um país educado com Internet progride, diz Castels.” Um país sem educação utiliza a Internet para fazer ‘estupidez’. Isso a Internet não pode resolver, isso só pode ser resolvido pelo sistema educacional”*. Isso é ainda mais verdade quando presenciamos comentários em páginas da Internet em que a estupidez, o preconceito e o conservadorismo imperam e assustam, mostrando a necessidade de uma educação que realmente informe e forme para a vida.

Conforme o PNE (Plano Nacional de Educação), a Internet, em suas metas para a educação, é considerada “recurso pedagógico”, apenas, o que mostra uma visão simplista e equivocada por parte dos que organizam e planejam as políticas públicas nacionais de educação. A Internet, segundo o PNE, não é prioritária, mesmo que não esteja excluída. Isso mostra as lacunas do Brasil quanto ao uso da rede mundial de computadores, demonstrando falta de visão e pioneirismo entre as nações do mundo quanto a uma mídia de vital importância para o ensino/aprendizagem.

O uso da Internet pode ser o caminho efetivo para o alcance da meta 3 do PNE, a universalização do ensino médio, mesmo sendo considerada meramente como recurso “pedagógico” e ou “educacional”, sendo que o PNE não explicita nenhuma forma viável para que sejam alcançados os objetivos por meio do uso dessa rede nas modalidades de formações regulares através do acesso online. Em um país de grandes distâncias, com a população tendo dificuldades de locomoção e possuindo um número muito alto de pessoas com acesso à Internet

por meio de dispositivos móveis, é um grande desperdício ignorar o potencial educacional da grande rede para garantir o que está previsto na lei, ou seja, a “universalização dos ensinos fundamental e médio”.

O certo é que a evolução e banalização das tecnologias digitais revolucionam velozmente as suas próprias condições de acesso e uso. Como diz Kenski (2015), a posse de equipamentos tecnológicos como celulares e tablets pela maioria da população modifica a direção de algumas necessidades. Por exemplo, um laboratório de informática que é difícil de ser montado e mantido pelas escolas se torna algo de segundo plano, pois as atividades que os alunos poderiam realizar no laboratório, passariam a ser desenvolvidas nos seus próprios equipamentos digitais, necessitando apenas de uma rede sem fio (wi-fi), ao invés da complexidade de um laboratório. Dessa forma as tecnologias digitais substituem os laboratórios de informática na escola, sendo que as iniciativas para tornar em realidade escolar algo que já é tangível e concreto na vida cotidiana requer um compromisso de todos, governo e escola.

Há limites dos cursos de formação e capacitação ofertados aos professores brasileiros nos últimos quinze anos para que provoquem mudanças em suas aulas através da Internet. Em todos esses cursos o foco está na mudança isolada da prática de ensino do professor, sem alterar as condições de estrutura, funcionamento, tempo e organização hierárquica e vertical das escolas e das secretarias de educação. Nesta concepção, é preciso mudar o ensino no nível mais micro possível, o da sala de aula, sem mudar a escola e o resto do sistema educacional.

O que é requerido para realizar ações didáticas mediadas pela Internet são planejamentos, investigações, adequação dos espaços e tempos à realidade dos alunos e dos conteúdos que se pretende ensinar. Requer tempo, dedicação, avaliação constante, cooperação e muita comunicação entre todos os envolvidos. É preciso vontade política dos dirigentes de todos os níveis para garantir a viabilização de projetos educacionais flexíveis e inovadores. Conforme Kenski (2015, p 27):

É preciso mudar, sobretudo, o pensamento e o posicionamento dos dirigentes de todos os níveis em relação às ações mediadas pelas redes e os seus reflexos na formação dos alunos. Com isto, muda-se a estrutura dos sistemas educacionais, as temporalidades, os papéis dos docentes, técnicos, administradores e da própria escola. Relações intensivas e

exigentes – mas, ao mesmo tempo, flexíveis, dinâmicas – que atinjam a totalidade dos estudantes e professores, com a participação comprometida da sociedade em rede, a fim de garantir a qualidade da aprendizagem nacional, em todos os níveis de ensino”.

Em termos gerais, o que se pode dizer quanto à incorporação da Internet na educação nos últimos vinte anos é que ainda é preciso ir muito além e avançar em termos de acesso e uso, ainda mais nesse processo lento que a gestão do país pensa e age. É urgente haver um pensamento de mudança nas condições de uso para com a Internet e a escola.

## **2. Pesquisa de campo: os usos das mídias digitais no ensino médio e superior**

### **2.1 Objetivo e metodologia**

Neste capítulo, apresentamos nossa pesquisa de campo, cuja coleta de dados foi feita com alunos do ensino médio e superior. O objetivo foi saber, através de questionário objetivo, com algumas questões de múltipla escolha, os usos das mídias digitais (smartphones, celulares, tablets, notebooks, computadores) na vida cotidiana e na vida escolar.

A amostra reuniu 20 estudantes ao todo. Os alunos do ensino médio totalizaram dez participantes provenientes da Escola Brunilo Jacó, instituição de ensino público na cidade de Redenção, Ceará.

Também totalizando dez participantes, os alunos de nível superior pertencem o quadro de discentes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), instituição federal de ensino superior situada nos municípios de Redenção e Acarape, Ceará. Os participantes foram dos cursos do Bacharelado em Humanidades (BHU), Administração Pública e Letras. O questionário (vide anexo) incluiu perguntas sobre o uso das mídias digitais para a aprendizagem, a pesquisa, além de outros usos (informação, diversão, comunicação, etc).

## 2.2 Apresentação dos dados e discussão

A primeira questão abordada foi “Com que frequência você utiliza computador ou notebook?”. Neste sentido, procurou-se diferenciar o uso de computadores e notebooks do uso de smartphones, celulares e smartphones, por considerarmos a hipótese de que os primeiros, em geral, seriam mais usados por jovens adultos e adultos, ao passo que o uso de dispositivos menores seria mais comum em adolescentes.

**Tabela 1 - Com que frequência você utiliza computador ou notebook? (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem %
Nunca	---	---	0%
Às vezes	2	3	50%
Com frequência	1	2	30%
Sempre	1	1	20%

**Tabela 2 – Com que frequência você utiliza computador ou notebook? (Alunos de nível superior)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%
Às vezes	---	---	0%
Com frequência		1	10%
Sempre	6	3	90%

Conforme podemos analisar na tabela 1 e 2, com os alunos de ensino médio, observamos que 50% utilizam notebook ou computador às vezes, ao passo que os alunos universitários (90% deles) utilizam sempre. Ou seja, há uma maior cultura no uso de computadores ou notebooks pelos estudantes de curso superior. Nesse sentido, a pergunta é: porque razão os estudantes universitários usam mais o computador ou notebook do que o outro grupo? Questões econômicas? Necessidade? Maior consciência do poder da informação? Perguntas que deixamos para responder analisando-se o segundo grupo de tabelas, a seguir.

**Tabela 3 - Com que frequência você utiliza o celular, smartphone, tablet ou Ipod? (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%
Às vezes	---	---	0%
Com frequência	---	---	%
Sempre	4	6	100%

**Tabela 4 – Com que frequência você utiliza o celular, smartphone, tablet ou Ipod? (Alunos de nível superior)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%
Às vezes	---	---	0%
Com frequência	---	1	10%
Sempre	6	3	90%

Para as tabelas 3 e 4, a questão a ser analisada foi: “*Com que frequência você utiliza o celular, smartphone, tablet ou Ipod?*”. Observamos que os alunos de ensino médio sempre usam smartphone, tablet ou Ipod (100%), ao passo que os alunos universitários totalizaram “90%”. Consideramos haver quase um empate técnico entre os dois grupos, já que a diferença não parece tão significativa (100 e 90%).

Acreditamos que isso reflita o uso mais difuso e generalizado e a popularização de dispositivos como celulares entre os dois grupos, embora esperássemos que esse uso fosse maior no nível médio, como de fato aconteceu. E isso parece responder as questões do item anterior. Os alunos do ensino médio usam menos o notebook ou computador porque talvez esses sejam mais caros do que celulares, smartphones, etc, que são mais acessíveis economicamente. E os alunos de ensino superior usam mais notebooks ou computadores talvez até pela exigência e demanda dos trabalhos acadêmicos que requerem um uso maior destas mídias digitais.

A terceira questão foi: *Com que frequência você acessa a Internet no seu computador ou Notebook?*. Para analisar a questão, olhemos as tabelas 5 e 6.

**Tabela 5 - Com que frequência você acessa a Internet no seu computador ou Notebook? (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%
Às vezes	2	3	50%
Com frequência	1	2	30%
Sempre	1	1	20%

**Tabela 6 – Com que frequência você acessa a Internet no seu computador ou Notebook? (Alunos de nível superior)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%
Às vezes	---	1	10%
Com frequência	2	1	30%
Sempre	4	2	60%

Percebemos que os alunos de nível superior usam mais a Internet em computadores e notebook que os alunos de ensino médio. Sendo os universitários “60%” os que usam sempre e os alunos de ensino médio “20%”. De qualquer forma, essas informações estão relacionadas aos primeiros dados, quando constatamos que computadores ou notebooks são de uso mais difuso entre universitários. Assim, nada mais comum que o acesso à Internet através desses dispositivos seja mais comum nesse grupo, já que vemos nas tabelas 7 e 8 que o acesso à Internet por alunos do ensino médio é 100% feito através de dispositivos móveis como celulares, smartphones ou tablets. Isso é o esperado, já que esta pesquisa revela que esses são os dispositivos mais comuns no grupo pesquisado.

Ou seja, está muito claro que os estudantes de ensino médio sempre estão acessando a Internet com celular, smartphone, tablet ou Ipod, 100%, enquanto os universitários utilizam um pouco menos, mas não numa diferença significativa (90%). Isso mostra a popularização de celulares e Smartphones entre a faixa de população mais jovem, mas também entre os universitários (90%)

**Tabela 7 - Com que frequência você acessa a Internet no celular, smartphone, tablet ou Ipod? (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%



Às vezes	---	---	0%
Com frequência	---	---	0%
Sempre	4	6	100%

**Tabela 8 – Com que frequência você acessa a Internet no celular, smartphone, tablet ou Ipod? (Alunos de nível superior)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Nunca	---	---	0%
Às vezes	---	---	0%
Com frequência	---	1	10%
Sempre	6	3	90%

As tabelas 9 e 10 representam uma questão de múltipla escolha: *Quais as razões que levam você a usar seu computador, notebook, celular, smarphone, tablet ou Ipod?* Sendo de múltipla escolha, os pesquisados podiam marcar mais de uma opção neste quesito.

**Tabela 9 - Quais as razões que levam você a usar seu computador, notebook, celular, smarphone, tablet ou Ipod? (Alunos do ensino médio)**

Opções	Sexo Masculino	Sexo Feminino	% proporcional ao total de respostas escolhidas
Jogos	2	---	3,2%
Ligações telefônicas	3	6	14,5%
Conversa ou bate-papo	3	5	12,9%
Navegação livre na Internet	3	6	14,5%
Partilhar conteúdos (fotos, imagens, piadas, vídeos, musicas, etc)	3	5	12,9%
Aprender coisas novas	2	4	9,6%
Reforçar a aprendizagem do conteúdo passado em sala de aula	2	5	11,2%
Uso da Internet para pesquisas resultantes das atividades	4	4	12,9%

promovidas pelos professores (as)			
Baixar música e filmes	2	3	8,0%
Outros motivos. Quais?	---	---	0%

**Tabela 10 – Quais as razões que levam você a usar seu computador, notebook, celular, smartphone, tablet ou Ipod? (Alunos de nível superior)**

Opções	Sexo Masculino	Sexo Feminino	% proporcional ao total de respostas escolhidas
Jogos	3	1	5,3%
Ligações telefônicas	5	3	10,6%
Conversa ou bate-papo	6	3	12%
Navegação livre na Internet	6	4	13,3%
Partilhar conteúdos (fotos, imagens, piadas, vídeos, músicas, etc)	5	3	10,6%
Aprender coisas novas	5	3	10,6%
Reforçar a aprendizagem do conteúdo passado em sala de aula	4	4	10,6%
Uso da Internet para pesquisas resultantes das atividades promovidas pelos professores (as)	6	4	13,3%
Baixar música e filmes	3	4	9,3%
Outros motivos. Quais?	1 (receber e enviar e-mails)	2 (assistir séries)	4%

Observamos nas tabelas 9 e 10 que os alunos de ensino médio usam os dispositivos tecnológicos mais para fazer ligações e partilhar conteúdos (fotos, imagens, piadas, vídeos, músicas, etc) “14,5%”, enquanto os universitários “13,3%” usam para navegação livre e para pesquisas resultantes das atividades

promovidas pelos professores/as. E apenas “4%” utilizam para receber e enviar e-mails e assistir séries. Os números não são absolutos e apresentam dados mais difusos neste quesito, acreditamos por se tratar de questões de múltipla escolha. De qualquer forma, os resultados mostram que as mídias digitais são usadas para diversas atividades, dentre elas, para pesquisas de aprendizagem.

O quesito 6 foi baseado na pergunta: *qual a atitude de seu professor (a) quanto ao uso de tecnologia como Internet e smartphone?* Os resultados estão dispostos na tabela 11 e 12.

**Tabela 11 - Qual a atitude de seu professor (a) quanto ao uso de tecnologia como Internet e smartphone? (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Eles incentivam e recomendam o uso para reforço da aprendizagem	---	6	60%
Eles não costumam incentivar e recomendar o uso para reforço da aprendizagem	2	---	20%
Eles recomendam o uso de engenhos de busca como o Google para pesquisar temas para elaborações de trabalhos e resolução de atividades	1	---	10%
Eles não costumam incentivar o uso de engenho de busca (são indiferentes)	1	---	10%
Eles são contra o uso da tecnologia com receio de que os alunos (as) copiem e colem os conteúdos nas Atividades	---	---	0%

**Tabela 12 - Qual a atitude de seu professor (a) quanto ao uso de tecnologia como Internet e smartphone? (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
--	----------------	---------------	--------------

Eles incentivam e recomendam o uso para reforço da aprendizagem	4	1	50%
Eles não costumam incentivar e recomendar o uso para reforço da aprendizagem	1	---	10%
Eles recomendam o uso de engenhos de busca como o Google para pesquisar temas para elaborações de trabalhos e resolução de atividades	---	3	30%
Eles não costumam incentivar o uso de engenho de busca (são indiferentes)	1	---	10%
Eles são contra o uso da tecnologia com receio de que os alunos (as) copiem e colem os conteúdos nas atividades	---	---	0%

Notamos em 11 e 12 que os professores de ensino médio (60%) incentivam e recomendam o uso de mídias digitais para reforço da aprendizagem, ao passo que os professores de nível superior é um pouco menos, 50%, embora não seja uma diferença significativa. Assim, parece que há um consenso entre os professores de ambos os grupos, quando alguns dentre eles recomendam o uso ressaltando a importância das tecnologias para esse fim.

A partir do sétimo quesito, partimos para questões envolvendo afirmações, crenças e valores quanto aos usos das mídias digitais, momento em que a pesquisa assumiu um cunho mais pessoal. O objetivo foi testar as percepções individuais que cada um possuem das tecnologias e de seus usos na aprendizagem. Neste sentido, a sétima questão foi: *Acredito que o uso de tecnologias para reforço da aprendizagem e pesquisa de conteúdo para as*

*atividades propostas pelo professor (a) é muito importante.* Os resultados podem ser visualizados nas tabelas 13 e 14, que mostram que esse senso de importância é mais apurado entre os alunos de ensino superior, quando 70% concordam totalmente com afirmação, contra 33% dos estudantes de ensino médio. Acreditamos que esse senso mais apurado venha do fato de que os alunos passam a usar mais a Internet e outros recursos midiáticos quando no nível superior, reconhecendo sua importância como fonte de pesquisa e aprendizagem.

**Tabela 13 - Acredito que o uso de tecnologias para reforço da aprendizagem e pesquisa de conteúdo para as atividades propostas pelo professor (a) é muito importante (Alunos do ensino médio).**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	2	1	33%
Concordo parcialmente	2	4	66%
Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%

**Tabela 14 – Acredito que o uso de tecnologias para reforço da aprendizagem e pesquisa de conteúdo para as atividades propostas pelo professor (a) é muito importante (Alunos de nível superior).**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	4	3	70%
Concordo parcialmente	2	---	30%
Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%

A questão 8 foi baseada na afirmação: *A Internet já me foi útil algumas vezes para reforçar minha aprendizagem.* Conforme as tabelas 15 e 16, “80%” dos alunos de ensino médio e “90%” dos universitários concordam totalmente que a Internet já lhe foi útil para reforço da aprendizagem, algumas vezes. A

percentagem dos alunos do ensino médio neste quesito (80%) contrasta com a percentagem do quesito anterior, quando apenas 33% dos alunos desse grupo acreditam na importância no uso das tecnologias para reforço da aprendizagem em sala de aula.

**Tabela 15 - A Internet já me foi útil algumas vezes para reforçar minha aprendizagem (Alunos do ensino médio).**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	3	5	80%
Concordo parcialmente	1	1	20%
Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%

**Tabela 16 – A Internet já me foi útil algumas vezes para reforçar minha aprendizagem (Alunos de nível superior)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	5	4	90%
Concordo parcialmente	1	---	10%
Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%

A questão 9, baseada na afirmação “A Internet já me foi útil algumas vezes para me ajudar em alguma pesquisa solicitada pelo professor (a)” está representada nas tabelas 17 e 18.

**Tabela 17 - A Internet já me foi útil algumas vezes para me ajudar em alguma pesquisa solicitada pelo professor (a) (Alunos do ensino médio)**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	3	6	90%
Concordo parcialmente	1	---	10%
Não concordo nem discordo	---	---	0%

Discordo totalmente	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%

**Tabela 18 – A Internet já me foi útil algumas vezes para me ajudar em alguma pesquisa solicitada pelo professor (a) (Alunos de nível superior).**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	5	2	70%
Concordo parcialmente	1	2	30%
Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%

Neste quesito, alunos de ensino médio (90%), e nível superior (70%) concordam totalmente que a Internet já foi útil para pesquisas solicitadas pelo professor. São números significativamente altos (90% e 70%). Porém resta saber se essa pesquisa trata do tradicional “copiar e colar” ou se elas são de fato pesquisas significativas, que servem as habilidades de conhecimento e reflexão.

O último quesito tem a ver com a questão da autonomia, do quanto da Internet é usada por interesse próprio do aluno ou aluna para a aprendizagem. Em época da *Sociedade da Informação*, é importante a percepção de que o conhecimento não se acaba mais no professor em sala de aula, que ele já está dado e acessível virtualmente. Assim, a questão 10 foi baseada na afirmação: *Uso a Internet para aprender e pesquisar conteúdos educativos de meu interesse, independentemente de ter sido solicitado pelo professor (a).*

**Tabela 19 - Uso a Internet para aprender e pesquisar conteúdos educativos de meu interesse, independentemente de ter sido solicitado pelo professor (a) (Alunos do ensino médio).**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	3	5	80%
Concordo parcialmente	1	1	20%

Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%

**Tabela 20 – Uso a Internet para aprender e pesquisar conteúdos educativos de meu interesse, independentemente de ter sido solicitado pelo professor (a) (Alunos de nível superior).**

	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Porcentagem%
Concordo totalmente	6	3	90%
Concordo parcialmente	---	1	10%
Não concordo nem discordo	---	---	0%
Discordo totalmente	---	---	0%
Discordo parcialmente	---	---	0%

De acordo com as tabelas 19 e 20, os alunos, tanto de ensino médio “80%”, como de nível superior “90%” utilizam a Internet para pesquisar conteúdos educativos por conta própria. Os números também são significativamente alto e indicam um uso difuso de Internet para fins educativos. Mas, mesmo que para fins educativos, outra pergunta a ser feita é: qual a profundidade desse conhecimento obtido? Ele se dá verticalmente ou é um conhecimento horizontal, de natureza ampla e vaga?



### **2.3. À guisa de uma conclusão**

Neste trabalho, tivemos por finalidade expor a relação dos alunos de ensino médio e da universidade com as mídias digitais, tanto por orientação do ambiente educacional, como por orientação própria. O objetivo foi mostrar se os usos estão orientados para a aprendizagem mediada pela escola (ensino médio e superior) ou pelo próprio aluno, criando situações de autonomia, aproveitando-se as mídias em suas potencialidades, como o conhecimento já dado e disponibilizado e que precisa ser acessado e assimilado criticamente. Podemos observar pela nossa pesquisa de campo, que as iniciativas dos educadores em sala de aula ainda são ocasionais, não indo além do que as tecnologias enquanto mídias educativas podem e conseguem proporcionar. As iniciativas dos alunos parecem ser mais constantes, mas não sabemos se uma falta de mediação da escola e dos educadores influencia no resultado das pesquisas e incursões dos aprendizes pelo universo de conhecimento da Internet. Isto é, não sabemos até que ponto vai o grau de profundidade e verticalização da aprendizagem. Ou seja, ainda é preciso mais pesquisas futuras para respostas mais concretas. Ademais, aprendemos também que é necessário superar a falácia da exclusão digital, que sempre propôs aparelhar as escolas com aparatos tecnológicos caros e em desuso, quando, até por uma questão mercadológica, vemos uma imensa maioria de brasileiros, principalmente os das novas gerações, já inseridos na Sociedade de Rede, seja pelo uso disseminado de celulares, smartphones e dispositivos androides, seja pelo uso de computadores ou notebooks e dispositivos semelhantes. Moran (2000), afirma que com todas as importâncias diante do ensinar as mídias, devemos destacar uma em especial, e importante que a escola integre as tecnologias de informação e comunicação, porque elas já estão presentes em todas as áreas da nossa vida social. Hoje vivemos na era da informação e estamos conectados a essas mídias, precisamos dar a oportunidades para que nossas crianças se familiarizem com essa nova realidade, pois as novas tecnologias nem sempre estão acessíveis a todos. E acreditando que a inclusão digital já aconteceu, acreditamos que a necessidade mais veraz é a orientação dos usos das mídias para que todos tenham uma educação de qualidade,

processo que ainda precisa ser melhor planejado na educação do Brasil. Essa crença foi a força motriz de nosso trabalho.

## Referencias bibliográficas

ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ciência da Informação*. Brasília. v. 29, n.2, p.7-15, mai./ago, 2000.

BUZATO, Marcelo. Letramento digital e conhecimento. Entrevista concedida a Olívia Rangel Joffily. *EducaRede*, Madrid, 28 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet\\_e\\_cia.informatica\\_principal&id\\_inf\\_escola=14](http://www.educarede.org.br/educa/index.cfm?pg=internet_e_cia.informatica_principal&id_inf_escola=14)>. Acesso em: 16 de fev. 2009.

KERR PINHEIRO, Marta M.; ANGELO, Edna da Silva. Observatório da Inclusão digital. In: AUN, Marta Pinheiro.(Coord.). *Observatório da Inclusão Digital: descrição e avaliação dos indicadores adotados nos programas governamentais de infoinclusão*. Belo Horizonte, Gráfica Orion, 2007, cap.2, p.65-98.

PEREIRA, João Thomaz. Educação e Sociedade da Informação. In.: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2007 ,cap. 1, p.13-24.

RIBEIRO, Otacílio José. *Nos Bosques da Educação e das Novas Tecnologias: um olhar para além da técnica*. Dissertação. 2002. 206f. (Mestrado em Engenharia de Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

RIBEIRO, Otacílio José. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In.: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2007. Cap. 5, p.85-104.

\_\_\_\_\_. Informação, Sociedade e Inclusão Digital. In.: REIS, Alcenir Soares dos (org.). *Informação, Cultura e Sociedade*. Belo Horizonte, Novatus, 2007b.

ROZADOS, Helen Beatriz Frota. Inclusão digital como condição à inclusão social; o caso brasileiro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL, 1; CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, DOCUMENTALISTAS Y ARCHIVISTAS DEL PARAGUAY, 6, 2006, Assunção. *Anais...*: ABIGRAP, 2006., Disponível em: <[http://www.pol.una.py/abigrap/ponencias/Frota\\_Rozados\\_Helen.pdf](http://www.pol.una.py/abigrap/ponencias/Frota_Rozados_Helen.pdf)>. Acesso em: 11 fev. 2009.